

19

Saúde Coletiva e Educação: Algumas Considerações Sobre o Papel da Educação na Qualidade de Vida

Dulcinéa Braga Dias Bueno Torres

Administradora de Empresas

Pós-graduanda em Psicopedagogia – PUC

Formanda Especialista na Gestão do Conhecimento – Unicamp

Com o pensamento focalizado no bem-estar coletivo, milhares de trabalhos são propostos e realizados diariamente, por cidadãos comuns, como você e eu, lógico, dentro do nosso âmbito de atuação. Você pode agora se perguntar ou mesmo contestar: - mas eu sou apenas um estudante, onde estou atuando? No dicionário Houaiss de Língua Portuguesa encontramos a definição de “atuar= exercer ação ou atividade; agir; obrar; operar”.

Baseada na definição de atuar, acima, podemos concluir que: não importa onde estejamos, sempre podemos ter uma atuação. Assim, pensando na qualidade de vida, saúde coletiva e educação, qual o papel da educação neste contexto? O aluno tem atuação e importância neste processo?

Pretendemos aqui levantar alguns pontos para reflexão:

OS DIREITOS HUMANOS E A EDUCAÇÃO

Na declaração Universal dos direitos humanos, o tema Educação esta incluído na agenda e relatórios publicados pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura).

Num relatório publicado em 2005 há a análise e estudos da importância e do papel da qualidade da educação na vida das pessoas. O tema “Educação para todos” é explorado e está fundamentado no direito universal da criança, à educação fundamental. No projeto da UNESCO, entender a importância da qualidade da educação e seu impacto na vida das pessoas, é mais complexo do que se imagina. Há questionamentos antigos e sem respostas: Por que se focalizar em qualidade?

A preocupação em assegurar acesso à educação para todos, deixou de lado o aspecto da importância da qualidade da educação. Estudos, no entanto, têm mostrado que para se possibilitar acesso universal é fundamental se conhecer onde está o nível de qualidade da educação. Por exemplo, é preciso se conhecer o nível do ensino oferecido às crianças e o nível de aprendizado delas. Isto pode ter impacto direto pelo tempo que eles querem ficar na escola e qual a frequência às aulas.

Outro aspecto importante: qual o motivo que leva os pais a colocarem seus filhos na escola?

Baseia-se no julgamento que eles fazem a respeito da qualidade do ensino e do aprendizado adquirido – se esta relação justifica o investimento do tempo e das finanças. O papel instrumental da escola é: auxiliar os indivíduos a conquistarem seus próprios objetivos econômicos, sociais e culturais e auxiliar a sociedade a ser melhor protegida e melhor servida por seus líderes e melhor equilibrada em aspectos importantes para as pessoas.

Sobre tudo isto está a importância do papel da escola que ajuda os alunos em todas as idades a se desenvolverem criativamente e emocionalmente e a adquirir habilidades, conhecimento, valores e atitudes necessárias para uma cidadania responsável, ativa e produtiva.

Assim, a qualidade da educação, apareceu no relatório da Comissão Internacional sobre o Desenvolvimento da Educação, patrocinado pelo ministro da França, Edgar Faura, em primeiro momento, com foco em “Aprendendo a Ser – o mundo da educação hoje e amanhã.” Este relatório identificou o objetivo fundamental da mudança

social como a erradicação da desigualdade e o estabelecimento de uma democracia de igualdade (eqüitativa) – consequentemente, a comissão reportou: o objetivo e conteúdo da educação precisa ser recriado – para permitir e possibilitar novos perfis da sociedade e novas características da democracia (Faure, 1972).

Em outro momento, os estudos da UNESCO enfatizaram fortemente o papel da ciência e da tecnologia, para melhorar a qualidade da educação e para se conseguir isto, há a exigência de sistemas nos quais os princípios do desenvolvimento científico e a modernização poderiam ser aprendidos de maneiras que respeitassem o contexto sócio-cultural dos “aprendentes”.

Passadas mais de duas décadas, chegou-se ao patamar: “Aprendizado – o Tesouro interno” – relatório da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, patrocinado por Jacques Delors. Esta comissão viu a educação como algo que acontece durante toda a vida e está baseada em quatro pilares:

- Aprendendo **a saber** – reconhece que os “aprendentes” constroem seu próprio conhecimento diariamente, combinando elementos individuais (internos) e (externos).
- Aprendendo **a fazer** – focaliza-se na aplicação prática do que é aprendido.
- Aprendendo **a viver** em comunidade – aponta as habilidades cruciais para uma vida livre de discriminação, onde todos têm oportunidades iguais para se desenvolverem, bem como suas famílias e comunidades.
- Aprendendo **a ser** – enfatiza as habilidades necessárias para que os indivíduos consigam desenvolver seu próprio potencial, em sua totalidade.

Esta conceituação sobre educação forneceu uma visão integrada e compreensiva, do que constitui o aprendizado e portanto do que constitui a qualidade na educação (Dolors et al, 1996). A importância da boa qualidade na educação foi resolutamente reafirmada como uma prioridade para a UNESCO numa mesa redonda, sobre a qualidade na Educação, que aconteceu em Paris, em 2003.

A UNESCO promove acesso à educação de boa qualidade como um direito humano e apoia o trabalho com base neste direito, para todas as atividades educacionais (Pigozzi, 2004).

Dentro deste trabalho o aprendizado é percebido como sendo afetado em dois níveis – no nível do “aprendente”, a educação precisa buscar e reconhecer o conteúdo prévio deste, reconhecer modos formais e informais para não discriminar e assim fornecer um ambiente de aprendizagem que seja de apoio e seguro ao indivíduo que aprende.

No nível do sistema de aprendizagem, é necessária uma estrutura de apoio para implementar políticas, assegurar a legislação, distribuir recursos e medir os resultados do aprendizado de maneira a conseguir para todos, o impacto positivo no aprendizado.

QUALIDADE DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

Em sua obra “O Cidadão de Papel” – a infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil, Gilberto Dimenstein nos convida a refletir e encarar, de maneira inteligente, a realidade que o país enfrenta, e nosso papel num país onde, segundo ele, somos cidadãos de papel – de um lado, vítimas, sofrendo as consequências de uma sociedade desigual, e, de outro, agentes de mudanças.

“Traduzir o cotidiano social do leitor - todos os principais fatores que produzem a cidadania de papel, são expostos, esmiuçados em exemplos próximos dos adolescentes - estabelecendo as relações que vão da mortalidade infantil à desnutrição, da falta de escolaridade ao desemprego, passando pelos problemas do meio ambiente” - este é o objetivo da obra.

Não se pode evitar, porém, que, ao lidar com essas peças o leitor se sinta convidado a pensar qual o seu papel num país de cidadãos de papel. Mais adiante num capítulo dedicado à educação ele afirma: “Dentro do círculo vicioso da pobreza produzindo pobreza, um jeito de quebrar esse círculo tenebroso é investir em educação. Isto porque uma pessoa instruída pode defender melhor os seus direitos e saber quais são as suas obrigações.”

A educação não é apenas uma questão de cidadania – o nível de instrução de um trabalhador tem relação direta com a produtividade, e portanto com o patrimônio. O que nos chama a atenção ao compararmos os relatórios e objetivos da UNESCO, com a realidade que vivemos no Brasil, exposta de maneira didática e brilhante, além de simples, por Dimenstein, é que todos temos oportunidade de atuar de maneira ativa para mudarmos esta realidade e elevarmos o nível da qualidade de vida de nossas comunidades.

Isto porém não irá ocorrer como um truque de mágico; é necessário um empenho e dedicação de indivíduos e grupos, com atitudes persistentes e foco num futuro digno de ser vivido e de igualdade de direitos assegurada. Requer a ação conjunta da administração pública, das iniciativas do setor privado e da população.

FALEMOS AGORA DO ATO DE ESTUDAR

Paulo Freire, em seu livro “Ação Cultural para a Liberdade, 6, ed., R.J.: Paz e Terra, 1982” destaca o ato de estudar e coloca no aluno a responsabilidade de:

- atuar como sujeito ativo neste ato: isto significa que é impossível um estudo sério se o que estuda se põe em face do texto como se estivesse magnetizado pela palavra do autor”. Não aproveita a oportunidade de questionar e investigar o cenário onde o autor estava inserido.
- O ato de estudar como uma atitude em frente ao mundo. “Estudar é também e sobretudo pensar.
- Estudar não é um ato de consumir idéias, mas de criá-las e recriá-las.

O PAPEL DO INDIVÍDUO E SUA RESPONSABILIDADE PELO SEU APRENDIZADO E EDUCAÇÃO AO LONGO DE SUA VIDA

Interação entre Aprendizado e Desenvolvimento:
A Zona de Desenvolvimento Proximal

Lev Semenovich Vygotsky nasceu em Orsha, cidade provinciana na Bielo Rússia a 17/nov/1896. Destacou-se e dedicou seu trabalho à área da psicologia acadêmica. Sua obra traz importantes reflexões sobre o processo de formação das características psicológicas tipicamente humanas e sobre as relações entre ensino, aprendizagem e desenvolvimento.

Em seus estudos científicos Vygotsky atribui enorme importância à dimensão social, que fornece instrumentos e símbolos que facilitam a relação do indivíduo com o mundo, e que acabam por fornecer também seus mecanismos psicológicos e formas de agir nesse mundo. O aprendizado é considerado, assim, um aspecto necessário e fundamental no processo de desenvolvimento do ser.

O desenvolvimento pleno do ser humano depende, segundo Vygotsky, do aprendizado que realiza num determinado grupo cultural, a partir da interação com outros indivíduos de sua espécie. Ele considera que se pode olhar para a relação aprendizado/desenvolvimento sob dois pontos de vista (REGO, 1997): um contempla as relações gerais entre o aprendizado e o desenvolvimento; e o outro analisa as particularidades desta relação dentro do âmbito escolar. O psicólogo russo faz esta distinção porque acredita que, embora as crianças aprendam e se desenvolvam antes de ingressar no ambiente formal de ensino, o aprendizado que se obtém na escola proporciona saltos consideráveis em seu desenvolvimento:

“Koffka e outros admitem que a diferença entre o aprendizado pré-escolar e o escolar está no fato de o primeiro ser um aprendizado não sistematizado e o último um aprendizado sistematizado. Porém a sistematização não é o único fator; há também o fato de que o aprendizado escolar produz algo fundamentalmente novo no desempenho da criança. Para elaborar as dimensões do aprendizado escolar, descrevemos um conceito novo e de excepcional importância, sem o qual esse assunto não pode ser resolvido: a zona de desenvolvimento proximal” (Vygotsky, 1998:110).

Este trecho do pensamento do autor, remete a outro célebre conceito do pensamento vygotskyano, muito importante para a educação: a zona de desenvolvimento proximal. Para Vygotsky (1998), existem dois níveis distintos de desenvolvimento: o primeiro, denominado nível de desenvolvimento real, diz respeito ao que o indivíduo consegue fazer sozinho, sem o auxílio de ninguém, ou seja, diz respeito aos processos mentais que já se estabeleceram. “Quando determinamos a idade mental de uma criança usando testes, estamos quase sempre tratando do nível de desenvolvimento real” (Vygotsky, 1998:111).

O segundo nível de desenvolvimento, o nível de desenvolvimento potencial, remete ao que o sujeito consegue fazer desde que tenha a ajuda, a supervisão de outra pessoa, que no caso do ambiente escolar pode ser o professor ou um colega mais adiantado do ponto de vista daquele objeto de conhecimento específico:

“Por mais de uma década, mesmo os pensadores mais sagazes nunca questionaram este fato; nunca consideraram a noção de que aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda dos outros poderia ser, de alguma maneira, muito mais indicativo de seu desenvolvimento mental do que aquilo que consegue fazer sozinha”.
(Vygotsky, 1998:111)

A distância que existe entre o que o sujeito é capaz de resolver de forma independente, autônoma, e aquilo que é capaz de realizar com a ajuda de outras pessoas, recebe o nome zona de desenvolvimento proximal (ou potencial, de acordo com a tradução consultada):

“a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão em presente estado embrionário. Essas funções poderiam ser chamadas de ‘brotos’ ou ‘flores’ do desenvolvimento, ao invés de ‘frutos’ do desenvolvimento. O nível de desenvolvimento real caracteriza o desenvolvimento mental retrospectivamente, enquanto a zona de desenvolvimento proximal caracteriza o desenvolvimento mental prospectivamente.”.

(Vygotsky, 1998:113)

De acordo com esta linha de raciocínio, o aprendizado é o grande responsável por instituir a zona de desenvolvimento proximal nos sujeitos, pois é com a interação com outras pessoas, que os indivíduos têm a possibilidade de movimentar várias funções que, sem a participação de terceiros, não conseguiriam viabilizar. Adiante, essas funções são internalizadas e se tornam parte do nível de desenvolvimento real.

“(...) aquilo que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã - ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã.

(Vygotsky, 1998:113).

CONCLUSÃO

Nossa proposta, ao início deste capítulo, foi levantar alguns pontos para reflexão - cidadãos buscando uma constante melhoria na qualidade de vida que temos e nossas expectativas para o futuro.

Abordamos o aspecto da importância e impacto que o acesso e qualidade da educação têm na vida de cada cidadão, bem como procuramos trazer à consciência a responsabilidade individual nesta trajetória.

Temos no trabalho da UNESCO a perspectiva de oportunidade para todos, no que diz respeito aos direitos do ser humano de uma dignidade, igualdade e qualidade de vida.

Nas reflexões fundamentadas nas obras de Gilberto Dimenstein, Paulo Freire e nos estudos científicos de Lev Vygotsky procuramos fornecer alimento ao pensamento, para enriquecer nossa atuação ativa na qualidade de vida e portanto colaborando na elevação do nível da saúde coletiva.

BIBLIOGRAFIA

DIMENSTEIN, GILBERTO – O CIDADÃO DE PAPEL – EDITORA ÁTICA, 2004 PGS 3 E 164.

EFA – GLOBAL MONITORING REPORT – 2005 - UNDERSTANDING EDUCATION QUALITY – P.30 DISPONÍVEL NA WORLD WIDE WEB: [HTTP://WWW.UNESCO.COM](http://www.unesco.com)

FREIRE, PAULO – AÇÃO CULTURAL PARA A LIBERDADE, 6 EDITORA R.J. PAZ E TERRA, 1982 P 9-12.

LEME, ANGÉLICA SACCONI LEME (BOLSISTA); SADALLA, ANA MARIA FALCÃO DE ARAGÃO (ORIENTADORA) - CONSTITUIÇÃO DO PROFESSOR NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: DO PENSAMENTO ÀS AÇÕES. – RELATÓRIO OFICIAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA – UNICAMP-FACULDADE DE EDUCAÇÃO – DEZ/2004.

REGO, TERESA CRISTINA. UMA PERSPECTIVA HISTÓRICO CULTURAL DA EDUCAÇÃO. EDITORA VOZES, 1995, P. 20,70-75.